



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
NORMAL SUPERIOR**

**ROSILENE PEREIRA DA CRUZ**

**MERGULHO NA FORMAÇÃO: AMPLIAÇÃO DO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO  
INFANTIL E PARA O BRINCAR**

Rio de Janeiro

2020

**ROSILENE PEREIRA DA CRUZ**

**MERGULHO NA FORMAÇÃO: AMPLIAÇÃO DO OLHAR PARA A  
EDUCAÇÃO INFANTIL E PARA O BRINCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Cristina Laclette Porto

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C8233m Cruz, Rosilene Pereira da

Mergulho na formação: ampliação do olhar para a educação infantil e para o brincar.– Rosilene Pereira da Cruz.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.–

35 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador Professora Cristina Laclette Porto

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores de Educação Infantil. 3. Memória de Formação. 4. Cultura Lúdica. 5. Brincar.  
I.Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber.

**ROSILENE PEREIRA DA CRUZ**

**MERGULHO NA FORMAÇÃO: AMPLIAÇÃO DO OLHAR PARA A  
EDUCAÇÃO INFANTIL E PARA O BRINCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

Cristina Laclette Porto  
PROFESSOR ORIENTADOR

Maria Delcina Feitosa  
PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro  
2020

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro,

**ROSILENE PEREIRA DA CRUZ**

## **Dedicatória**

A Deus, todo poderoso, pois, sem ele, eu nada seria.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado saúde, força e coragem para superar todas as dificuldades.

A todos do Pró-Saber: professores, direção e administração, que me oportunizaram a realização desse sonho.

A minha professora e orientadora Cristina Laclette Porto, por seu incentivo e correções.

Aos meus pais, Manoela Maria Pereira da Cruz e Vicente Paulo da Cruz, a minha irmã, Patricia Pereira da Cruz, a meu filho, Raphael Bryan Pereira dos Santos, ao meu sobrinho Anthony Gabriel Pereira dos Santos e aos meus primos, pelo amor incondicional, apoio e incentivo.

A minha amiga Cleide Lucia de Pontes, que foi quem me apresentou a esse curso.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram e fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”. (FREIRE, 1996, p. 91)



## RESUMO

Este trabalho aborda o mergulho feito em minha formação no Curso Normal Superior do Pró-Saber, rememorando o percurso e sinalizando as descobertas e os conhecimentos construídos por mim, como educadora da Educação Infantil. Além de refletir sobre a ampliação e a valorização da cultura lúdica, busco enfatizar a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças. Os saberes aqui revisitados e assinalados se deram por meio de aprimoramento do olhar, na relação com meus colegas e professores e se enriqueceram por meio de estudos teóricos, observações de experiências práticas e pessoais.

**Palavras-Chave:** Formação; Observação; Lúdico.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 ESCAVANDO SABERES</b>	<b>14</b>
1.1 Metodologia de pesquisa	14
1.2 Vida de grupo	17
1.3 Pontos de Observação	18
<b>2 O CHOQUE ENTRE O VELHO E NOVO</b>	<b>19</b>
2.1 A descoberta do universo infantil	21
<b>3 OUTRO OLHAR PARA O BRINCAR</b>	<b>27</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

Somos impulsionados por nossos desejos, sonhos e expectativas e nosso desejo é o que nos move; é o combustível que nos levará em busca de nossos objetivos. Sempre tive um grande sonho de me tornar professora, desde muito pequena, quando brincava de escolinha com minhas primas. O tempo passou e esse sonho não se perdeu. Já alfabetizada, mas ainda bem pequena, me vi tentando ensinar a minha mãe a escrever seu nome, tentativa, claro, fracassada, devido a pouca idade e inexperiência.

Anos se passaram e a menina cresceu, contendo em si um mar de sonhos, entre eles, aquele, adormecido em um cantinho: tornar-me professora. Após muitos acontecimentos em minha vida, entre eles, a realização de um do desejo de me tornar mãe, tive mais uma carga de combustível rumo ao que almejava.

Na busca por uma renda financeira, que me ajudasse com as despesas, me vi entregando currículo em uma creche próxima de minha casa. Já tendo experiência com crianças e paixão por elas, me restava aguardar e torcer por uma vaga. Algumas semanas se passaram e a instituição me chamou para uma entrevista. No dia de sua realização, acordei com um sorriso no rosto, me preparei e fui até o local. Após algumas perguntas da diretora sobre meu grau de escolaridade, um comentário me deixou perplexa: “Você tem que estudar, pois o ensino médio só serve para limpar chão.” Fiquei um pouco triste com tal afirmação, contudo, ela mesma disse que me daria uma chance e me chamou para fazer duas semanas de estágio.

Nas semanas que estagiei, passei por várias salas e tive a oportunidade de conhecer todas as professoras e as crianças. Mas, uma em especial me marcou, e passou a ser a principal razão para eu entrar no Curso Normal Superior de Educação Pró-Saber com habilitação em Educação Infantil. Fui contratada como auxiliar e, no meu segundo ano na instituição, tive o privilégio de trabalhar ao lado dela.

Algumas pessoas tem como inspiração seus professores de infância, lembro-me dos meus, com alegria e saudade, porém minha inspiração veio dessa colega de trabalho. Ela tinha, em seu ensinar, uma metodologia diferente,

focada na liberdade da criança, nas brincadeiras, na vez e na voz de cada uma. Foi através de seu incentivo, que realizei o vestibular para esse curso.

Cheguei então no Pró-Saber guiada por um desejo de ser uma educadora que marcasse de forma positiva a vida meus alunos. Buscava, nesse curso, a luz da teoria, um embasamento para poder, dessa forma, promover intervenções e encaminhamentos necessários, proporcionando e criando momentos na vida de meus alunos em que pudessem construir e aprimorar seus saberes.

Nunca imaginei que aprenderíamos a nos auto-avaliar, a resgatar nossa trajetória escolar, superando traumas, nos redescobrimo e nos transformando como pessoas. E o que me marcou na metodologia do curso, sem dúvida, foram os instrumentos metodológicos: a observação, o registro, a avaliação e o planejamento que me possibilitaram essa auto avaliação.

Hoje, entendo que o bom educador observa seus alunos para conhecê-los mais profundamente, registra seus aprendizados e suas dificuldades para que então possa planejar suas aulas pensando em cada um. Ao longo de minha caminhada pelos conteúdos estudados, destaco, entre eles, alguns que me flecharam: as etapas evolutivas do desenho e da escrita, o desenvolvimento infantil, a história da educação infantil, o trabalho com projetos e, em especial, o brincar na educação infantil.

Este trabalho aborda minha formação durante o curso e destaca como o aprofundamento de meus conhecimentos sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, suas transformações e especificidades em cada contexto e em cada sujeito me atravessaram.

A ideia de abordar esse tema no terceiro capítulo me veio à cabeça ao rememorar as aulas da disciplina “O Brincar e sua importância na Educação Infantil”, com a nossa professora Cristina Porto. O interesse surgiu especialmente a partir de uma aula, onde a professora nos apresentou vários tipos de brinquedos e jogos e nos deixou livre, para que, assim como crianças, brincássemos.

Naquele dia, conheci muitos brinquedos que nunca tinha visto, mas uma brincadeira, em particular, me chamou mais a atenção: pular elástico. Percebi que toda a turma a conhecia e que, por sinal, era divertidíssima. Fiquei desapontada por não conhecer e me veio à cabeça o seguinte questionamento:

Será que meu contexto rural influenciou para que eu não a conhecesse? Como o educador se torna ponte para a ampliação da cultura lúdica?

A vontade de descobrir e me aprofundar um pouco mais nesse assunto, para que, como educadora, eu possa proporcionar às crianças não só essa, mas muitas outras brincadeiras, me dediquei um pouco mais.

Para chegar nesse ponto, no capítulo um, apresento a pesquisa que fiz sobre os fundamentos do curso. No segundo, apresento sua estrutura, com as disciplinas, as experiências marcantes, as transformações que foram me atravessando e como esse estudo foi fundamental para tomar consciência do processo vivido. No terceiro capítulo, faço uma reflexão sobre a constituição da cultura lúdica e a possibilidade de sua ampliação. Não quero que as crianças que passam por mim vivam a sensação que eu tive de ter perdido algo precioso durante a minha infância.

## 1 ESCAVANDO SABERES

Para saber melhor a teoria que fundamenta a minha prática, foi necessário fazer um mergulho em mim mesma, rememorar minhas experiências de formação para tomar consciência do que aprendi durante o curso e do que poderia proporcionar às crianças. Foi necessário que todos nós, da turma 2018, olhássemos para trás, para compreender como garantir uma educação melhor, mais democrática, em que a criança seja sempre estimulada a ampliar suas narrativas de vida.

### 1.1 Metodologia de Pesquisa

Na disciplina de Metodologia de Pesquisa que fizemos no primeiro semestre de 2020, fomos incentivados a refletir sobre as ferramentas necessárias para o exercício do papel de professor-investigador, que são basicamente a observação, a escuta e os registros minuciosos feitos por meio da escrita (sínteses das aulas, registros temáticos, trabalhos finais), de fotografias e vídeos. Lemos alguns autores como Jorge Larrosa, Ana Elisabete Lopes, Cristina Laclette Porto, Denise Sampaio Gusmão e Gabriela Romeu, que abordam diversas possibilidades de pesquisa. Com ajuda dos autores destacados, consegui aprender e me aprofundar.

Através das aulas no Pró-Saber, fui estimulada a educar meu olhar, antes acostumado a ver apenas de forma superficial o que está a nossa frente, para enxergar as experiências. Segundo Larrosa (2002):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. [...] A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Ana Elisabete Lopes, em sua pesquisa-intervenção realizada para sua tese de doutorado, parte das fotografias tiradas para analisar sua experiência no ensino aprendizagem de alunos com deficiência. Pude repensar como, muitas

vezes, ao observarmos situações do nosso cotidiano ou uma fotografia, não passamos do superficial, que é apenas o que conseguimos ver diante de nossos olhos, sem nos aprofundarmos. Hoje sei a importância do olhar investigativo.

Ainda nessa nesse movimento de educar nossa forma de ver o mundo, aprendi com Denise Gusmão a escavar, também por meio das fotografias, as narrativas e as experiências de vida, fazendo uma relação entre presente e passado e valorizando, dessa forma, histórias, pessoas e culturas. Com a autora e professora Cristina Lactente Porto, aprimorei a valorização da experiência, das trocas entre adultos e crianças no brincar, por meio da narrativa oral, escrita e fotográfica (GUSMÃO, LOPES, PORTO, 2013)

Comecei então a separar documentos, textos autorais e de autores diversos estudados nas disciplinas. A grande maioria de meus registros reflexivos está no meu computador, separados por data e semestre para facilitar um pouco esse processo. Fotografias, áudios e vídeos também foram classificados em pastas nomeadas

Mas cada informação precisa ser analisada, articulada e contextualizada na monografia. Na disciplina de Prática Metodológica, aprendemos sobre a importância da pesquisa sobre a formação e os autores que nos ajudaram nessa reflexão foram Alexandra Penna, Antonio Nóvoa e Madalena Freire e para embasar nossas reflexões sobre o ato de pesquisar.

Ao lembrarmos nossas histórias, somos levados a comparar e a refletir sobre os educadores que tivemos. Para Nóvoa (1995),

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1995, p. 25).

O autor fala ainda sobre os ofícios da formação e as experiências que vivenciamos a partir dela. Traz a importância de aprendermos a rememorar nossa história, a refletir de forma crítica sobre nossos atos.

Ao repensar minha prática e me auto avaliar pude compreender que não é possível viver um verdadeiro processo de formação se não nos transformamos como pessoa e profissional. Essa ideia vai ao encontro do movimento que fizemos no primeiro ano de curso, no Pró - Saber, que foi viver um mergulho em

nós mesmas. O curso nos remete, quase que automaticamente, a uma viagem ao passado em nossa trajetória escolar.

Nesse início pude, através da disciplina de “Instrumentos metodológicos”, regida pela professora Madalena Freire, compreender um pouco sobre as diferentes concepções de educação, tomando consciência da existência de cada uma. Compreendi que fui educada em uma concepção autoritária, onde não podíamos expor nossas opiniões, nossos questionamentos. O professor era o único dono e detentor do saber, nós, os educandos, éramos podados e impedidos de opinar, questionar e até mesmo de nos expressar.

Na época não sabia que existiam as concepções de educação democrática e autoritária. Hoje vejo claramente que elas existem e que, inconscientemente, percebi em vários professores que tive antes, os mesmos métodos tradicionais de ensino. Fui identificando outras possibilidades de educar, quando entrei na área da educação infantil e passei a observar minha amiga e colega de trabalho, Cleide Lucia de Pontes, que também foi aluna do Pró-Saber.

Ela tinha outra forma de ensinar e foi através dela que pude conhecer a concepção democrática, onde o aluno tem vez e tem voz, sendo autor e construtor de seu próprio conhecimento, portador de uma bagagem de aprendizagens que antecede sua entrada nas instituições de ensino. Reconheço agora que Cleide já havia me introduzido à metodologia que sustenta a concepção democrática de educação do Instituto, que vê não só a criança, mas os professores, como protagonistas e construtores de sua aprendizagem.

Compreendi que ninguém aprende sozinho que é nas trocas conjuntas entre educadores e educandos que a construção de conhecimento acontece. Nessa concepção o educador é um mediador do processo.

Outra tomada de consciência também significativa foi sobre os elementos que fazem parte do processo de aprendizagem: dor, desejo, vínculo de amor ou de ódio, resistência, medo e perdição. Vivenciamos tais sensações enquanto aprendemos e não pense que é fácil! Mas, ao final, somos tomados por uma sensação de dever cumprido, de ter introjetado em nós um saber de valor inestimável e eterno.

Ao nos conhecermos e nos auto avaliarmos, passamos a entender que como educadores, somos modelos para nossos educandos, nos levando a



questionar sobre o educador que estamos sendo, que educador gostaríamos de ser e que marcas gostaríamos de deixar na vida de nossas crianças. Dessa forma, olhamos para o passado lembrando os mestres que já tivemos: os “bons” e os “ruins”, que nos marcaram de alguma forma. Olhamos também para o presente e para futuro. Como quero ser uma educadora que marque positivamente a vida de meus alunos, sendo influência positiva, ajudando-os a se tornarem pessoas de bem, seres críticos, felizes, sem traumas no processo de aprendizagem e acima de tudo sujeitos pensantes, vejo como tudo isso é fundamental.

## **1.2 Vida de grupo**

Ao longo dessa construção de minha identidade profissional e também pessoal, passei a compreender a importância do outro para nos constituirmos. Aprendi a conviver em grupo, a falar, mas também a me calar e a ouvir o outro e suas contribuições. Viver em grupo é ter certeza de trocas de experiências significativas. Precisamos uns dos outros como modelo, exemplo a ser ou não seguido, para ampliar, trocar e expandir nosso saber. Somos constituídos de pedacinhos de cada um.

Fomos apresentados também no início dessa nossa caminhada aos instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire, para amparar esse processo e a prática do professor, que são: observação, registro, avaliação e planejamento. Posso dizer que são os grandes responsáveis para nossa tomada de consciência, porque ela só acontece depois que passamos por eles. Sei que não é fácil ficar registrando o tempo todo, mas é através da escrita que eu construo o meu conhecimento, me tornando autor da minha história. Levar esses instrumentos para nossa prática é outro desafio.

O bom educador observa seus educandos, conhecendo-os explorando cada conhecimento trazido por eles em sua bagagem. Após observar e conhecer cada aluno, o educador passa a registrar em um diário de bordo, ou seja, um caderno que lhe acompanhará em sua rotina escolar. Com as observações e os registros em dia, ele consegue planejar suas aulas, agora ciente dos avanços e das dificuldades de cada aluno. O ato de avaliar não acontece somente no término do semestre, mas todos os dias, após as aulas. Não só o educando é

avaliado, mas o educador avalia a si mesmo, refletindo se conseguiu ou não atingir suas expectativas ao ensinar e se o educando por sua vez conseguiu dar um passo qualitativo em sua aprendizagem. Mas como aprendemos isso no curso?

### **1.3 Pontos de Observação**

Para facilitar essa reflexão e direcionar o olhar do educador para o seu ensinar e para os movimentos do grupo, Madalena criou os “pontos de observação” da aprendizagem, dinâmica e coordenação. Os pontos de observação são perguntas disparadoras, lançadas pelo educador, no início de cada aula, no intuito de avaliar seu ensinar, as aprendizagens e as contribuições da turma. O ponto de aprendizagem, realizado por todos da sala tem a intenção de devolver ao educador o que de conhecimento o aluno adquiriu ao longo da aula. Dessa forma, ele consegue também perceber se conseguiu atingir seu foco ao ensinar. O ponto de observação da dinâmica serve para ressaltar se houve ou não contribuições do grupo e como ela se fez. O ponto de observação da coordenação serve para que os alunos destaquem como foi o ensinar do professor, se ele se fez entender ou não. Para realizar esses pontos de observação, a cada dia, três alunos são escolhidos e ficam responsáveis por cada um deles. Os pontos são uma forma de avaliar constantemente o desempenho de cada um nesse processo de construção de conhecimento.

Essa construção de saberes se dá desde o momento em que nos abrimos para as experiências novas. Passamos realmente a aprender de forma significativa no momento que decidimos abrir nossos olhos retirando a venda que nos impede de enxergar as coisas nos aprofundando nelas saindo da superficialidade. Contarei com mais detalhes sobre todo esse processo no capítulo a seguir.

## 2 O CHOQUE ENTRE O VELHO E NOVO

Ao ingressar no Pró-Saber, comecei a tomar consciência da responsabilidade e da realização desse grande sonho de educar. Pude conhecer o espaço bem no início, no dia da prova de vestibular. E que lugar incrível, capaz de nos despertar diversas reflexões, emoções e sensações. Impossível não se apaixonar pelo Instituto que ensina por ser si só e que inspira arte e poesia. As flores e plantas, o palco no pátio, as poltronas, os quadros, as outras obras artísticas e até as mesas e cadeiras são cuidadosamente organizados. Cada objeto tem seu lugar, quase que como em uma exposição artística, que toca e desperta o lado mais humano, mais sensível, de cada um.

O dia de nossa aula inaugural foi de muita alegria e também de ansiedade. Fomos conduzidas ao auditório, lugar onde a prova de vestibular foi realizada. O espaço, que é bem amplo, se destina a atividades mais dinâmicas e com um público maior, tais como reuniões, aulas de arte, música, etc. Confesso que nesse dia em questão, fui tomada por um misto de sensações e a “ficha” só foi caindo aos poucos, até que percebi que ali se iniciava minha caminhada para realização de um grande sonho.

Fomos recebidos nessa primeira aula pelos formandos da turma anterior, que já foram nos situando um pouco do que nos esperava. Falaram da metodologia do curso, e das transformações e aprendizagens vivenciadas por cada um ao longo do curso. Fiquei ainda mais curiosa por conhecer e me aprimorar nesse saber maravilhoso, que foi capaz de suscitar naquelas pessoas, mudanças tanto no aspecto pessoal como profissional.

Após conhecermos alguns dos professores que nos acompanhariam em nossa caminhada, fomos convidados a destacar no mapa o lugar e a região do Rio de Janeiro de onde vínhamos. Nesse momento, uma sensação de medo tomou conta de mim, pois tinha muita vergonha de me expor. Falar em público nunca foi o meu forte. Pude logo perceber que era a única representante da minha região a realizar o curso e me senti um pouco solitária.

Ao começar a graduação, fui com um olhar meio exacerbado e estereotipado do que seria estudar em um curso superior. Tinha cristalizado em mim o modelo autoritário de educação, onde os professores apresentam os conteúdos no quadro e o educando faz cópias, decora e depois é avaliado sobre

o que aprendeu. Já nas primeiras aulas veio a surpresa com o desafio: “fale de você”. Passei a refletir: que curso é esse em que temos que falar de nós mesmos para os outros?

Cheia de vergonha, sem nenhuma vontade de me expor, acostumada à passividade, achava aqueles momentos uma tortura. As mãos suavam, a voz sumia e uma gagueira aparecia do nada. Nas duas semanas iniciais, as aulas foram assim, falando de nós mesmos. Pensava ser apenas uma forma de nos apresentarmos para cada professor novo que aparecia, mas hoje sei que, diferente da concepção em que fui alfabetizada na escola, ali no Pró-Saber, cada professor estava realmente interessado em nos conhecer de verdade e não apenas de forma superficial.

Então, o aprofundamento nas disciplinas começou. Mas, espera aí! Cadê as matérias a serem copiadas? Mais uma surpresa: tínhamos que prestar atenção nas explicações dos professores, que aconteciam após explorarem nossos conhecimentos prévios.

Isso mesmo, caro leitor, neste curso, não somos esquecidos nunca, todo mundo fala. As aulas são marcadas pelo movimento de centralização em que os professores apresentam os conteúdos, e de descentralização, quando os educandos são convidados a refletirem, juntos, sobre eles, expondo o que sabem, construindo uns com os outros e registrando tudo aquilo que os atravessa.

Ao ser indagada sobre as falas e contribuições acrescentadas pelos colegas, a ficha aos poucos foi caindo. O registro não se relacionava apenas ao que eu tinha percebido, mas aos conteúdos, aos professores e o grupo, pois a aula é uma construção conjunta de todos em um determinado espaço. Fomos construindo então esse sentimento, compreendendo o que é viver em grupo, aprender com as trocas e histórias vividas por cada um, trabalhar em conjunto, sair de nosso lugar de conforto e nos relacionar com todos no espaço, conhecendo e entendendo que todo mundo sempre algo para aprender.

A partir do segundo e do terceiro anos, passei a respeitar ainda mais a visão e a opinião do outro, introjetando-as em mim. Hoje tenho consciência de que não devo só a mim o que sei e aprendi, mas aos meus colegas e professores.

## **2.1 A descoberta do universo infantil**

Ao mergulhar no universo infantil pude mergulhar em um mundo de possibilidades, de descobertas compreendendo e me aprofundando nessa fase de construção do sujeito. Consegui com esses 3 anos conhecer e ampliar meu entendimento sobre as crianças, suas dificuldades, potencialidades, avanços e frustrações. Mas, para chegar a esse ponto, estudamos muito.

Ao longo do curso, passei a entender e a me aprofundar ainda mais através das diversas disciplinas existentes. Em “Filosofia”, com a professora Paula Padilha, sob a luz da teoria de Edgar Morin e Walter Benjamin, aprendi a ver as coisas por outros pontos de vista, a enxergar e me atentar para a poesia, na correria do dia a dia.

Em “Projetos e Trabalhos Escolares na Educação Infantil”, com a docente Patrícia Gonzalez, pude reconhecer a importância do que a criança traz, seus interesses, sua bagagem de conhecimentos e o leque de possibilidades que nós educadores devemos explorar na construção e elaboração de projetos com os pequenos. Fernando Hernandez foi um dos estudiosos que abriram meus olhos para a importância da elaboração de projetos na educação infantil, partindo do interesse das crianças. Paulo Freire também me ajudou a defender a valorização dos conhecimentos prévios dos educandos de uma maneira geral. Sua concepção de educação democrática nos permite refletir também sobre a educação das crianças pequenas.

Em “Introdução à Psicopedagogia”, com Heloisa Protásio, aprendemos sobre a constituição do ser cognoscente, aquele que constrói seu próprio aprendizado. Nessa disciplina, além de conhecermos as dimensões que nos constituem, tratamos das dificuldades que surgem no processo de aprendizagem, compreendendo que cada ser é único, tem seu tempo e sua forma de aprender. Como educadores, temos que nos atentar para suas potencialidades e trabalhar em cima de suas dificuldades. Os principais autores estudados foram: Maria Cecília Almeida e Silva (fundadora e atual reitora do Pró-Saber), que embasou nossa teoria de psicopedagogia; Jean Piaget, que nos apresentou aos conceitos de assimilação e acomodação; Freud, pai da psicanálise, que nos traz a importância do inconsciente e Pichon Riviére, psicólogo social que destaca a

dimensão social da construção do conhecimento, ou seja o papel do grupo nesse processo.

Com as disciplinas de “Oficina de Leitura e Escrita”, com a professora Liana Castro, “Arte e Educação”, com Luana Gonçalves, “Etapas Evolutivas do Desenho”, com a dupla Clara Araújo e Madalena Freire, “Alfabetização e sua Didática” e “Fundamentos da Psicologia da Aprendizagem: Construção da Lecto-escrita”, com as professoras Priscila Almeida e Patricia Gonzalez, passamos a valorizar e a estimular a autoria, a sermos livre para criar a nossa maneira. Tomamos consciência de que o desenho é pensamento e que é através do primeiro rabisco, da primeira garatuja, que a criança começa a representar o que pensa e a entender o mundo que a cerca. Mais adiante, ela vai passando por outras etapas e os desenhos começam a ser substituídos pelas primeiras letrinhas e desde aí não param mais.

Bartolomeu Campos de Queirós, Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, Lygia Bojunga, Mauricio de Souza e Monteiro Lobato, foram alguns dos autores que caminharam conosco durante os três anos de curso, despertando em nós o gosto pela leitura literária, assim como a valorização e importância da formação de seres pensantes.

Paulo Freire, Madalena Freire, e Emília Ferreiro vieram nos guiar também nos caminhos da alfabetização para nos ensinar que esta é um processo que se inicia mesmo antes da entrada da criança na escola, desde o momento em que abre os olhos e começa a ler o mundo.

Na disciplina de “Desenvolvimento Lógico Social e Afetivo da Criança” regida pela professora Elaine Caetano, pude despertar meu olhar para as fases vivenciadas pelos pequenos, contando com a ajuda dos estudos de Piaget, Vygotsky e Freud. Aprendi a valorizar cada conquista, a estimular o desenvolvimento de cada criança de acordo com sua faixa etária, entendendo, que cada ser é único e tem suas especificidades, mas se relaciona com um contexto social mais amplo.

Para refletirmos sobre nosso agir pedagógico, nada melhor do que as aulas de “Prática Pedagógica” com Claudia Sabino. Nelas, conseguimos trocar experiências sobre nossas vivências, aprender uns com outros e, principalmente, avaliar a nós mesmos, nos certificando de que nossos atos eram condizentes

com o que estávamos pregando, e se, em nossas instituições, estamos vivenciando o que aprendemos, mesmo que de forma limitada, encontrando as brechas para trabalhar e para realizar o que acreditamos.

Nossas queridas professora Maria Delcina Feitosa e Flávia Quadreli nos fizeram refletir sobre o papel e a importância da tecnologia nos dias atuais, nos apresentando as disciplinas de “Introdução ao Uso da T’ICs” e, mais à frente, “Autoformação pelo Uso da T’ICs”. Além de refletirmos sobre seu papel na educação nos dias atuais, aprendemos a fazer uso de algumas ferramentas como gmail, drive, docs etc. Através do conhecimento e domínio dessas ferramentas e seus recursos, passamos a fazer uso delas de forma mais confiante em nossas práticas, como para a realização de relatórios e atividades e até mesmo na vida pessoal, ao estudar ou elaborar algum trabalho.

Com a professora Adriana Fortuna, fomos apresentados à disciplina sobre as “Construções Lógicas e Infralógicas”, mais uma vez com Piaget, para nos ajudar a mergulhar nas atividades que trabalham e estimulam o raciocínio das crianças. Aprendemos as mais adequadas a serem apresentadas de acordo com a fase em que se encontram em seu desenvolvimento.

Já na disciplina de “Matemática e sua Didática”, com a professora Regina Saldanha, pude me apaixonar um pouco pela matemática que antes me causava tanto pavor. Entendi que a compreensão e o interesse dependem muito da forma como essas disciplinas são apresentadas em nossas vidas desde a primeira infância. Sendo a matemática um dos conteúdos fundamentais de nossa vida, que nos acompanhará para sempre, o modo como seus conceitos são trabalhados na educação infantil pode resultar em um bom desempenho na adolescência e mais tarde, na vida adulta. Como educadores, temos que apaixonar nossos alunos pela matemática e não transformar em um bicho de sete cabeças.

Foram muitas as disciplinas que tivemos ao longo do curso e, a cada uma, minha bagagem de conhecimentos foi se completando e ampliando. Em “Ciências da Natureza”, disciplina também regida pela professora Elaine, falamos sobre consumismo, sobre essa geração que está crescendo com os valores distorcidos, valorizando o que se tem e não o que se é, o que segrega e muitas vezes discrimina as classes sociais menos favorecidas. Os pais

introduzem seus filhos de forma até involuntária nesse ciclo vicioso do consumismo, ao tentarem desesperadamente suprir, por meio de brinquedos, roupas e sapatos caros, a falta de tempo, carinho e atenção. É importante que nós educadores tenhamos ciência disso para que possamos saber como agir ao nos depararmos com situações como essas. Ainda com a professora Elaine tivemos a disciplina de “Psicologia da comunicação”, em que tratamos de temas como a participação das famílias na escola, contribuindo de forma ativa no desenvolvimento dos filhos, as parcerias que devem ser criadas e a elaboração de projetos que incluam a comunidade em geral.

Na disciplina de “Educação Especial na Perspectiva da Inclusão”, com Ana Elisabete Lopes, pude conhecer e entender um pouco sobre as pessoas com necessidades específicas decorrentes de alguma deficiência, gente como a gente, que muitas vezes são excluídas do convívio social devido às suas necessidades específicas. Como educadores temos que defender o direito dessas crianças à escola, com atendimento especializado e recursos adequados que venham a suprir as necessidades de cada uma.

Falando mais especificamente da surdez, a professora Vera Loureiro veio com a disciplina de “LIBRAS”, e podemos mergulhar nesse universo. Aprendemos alguns sinais de diálogos simples, como também a representarmos nosso nome.

Com a professora Alexandra Pena, na disciplina de “Língua Portuguesa”, desvendamos alguns mitos em relação à língua, trabalhamos a questão do preconceito linguístico, compreendendo que a língua é algo vivo, que sofre modificações com o tempo e os contextos.

Na disciplina de “Currículo na educação” regida pela professora Patrícia Gonsalez, aprendemos a elaborar atividades que façam sentido para os pequenos e estudamos acerca dos campos de experiências da BNCC, com ênfase nas crianças de 0 a 6 anos.

Com a docente Juliana Medella, fomos desafiados a nos expressar através do corpo, deixar que ele falasse por nós, nos conectando com ele, extravasando nossas emoções, e experimentando também relaxar tanto o corpo quanto a mente.



Sobre a música, atividade essa tão presente na educação infantil, veio o Di Lutgardes, trazendo outra forma de extravasar e de se expressar em uma das melhores linguagens, a meu ver. Através da música, valores, conteúdos e muita diversão podem ser transmitidos a uma criança.

Com a disciplina teóricos da educação conheci os pensadores Harcourt Joseph Pratt e Jacob Lev Moreno, Kurt Lewin, Foutks, Pichon Riviêre, Bion. Pude com a luz desses teóricos aprender sobre o conceito de grupo, como ele se constrói e seus movimentos básicos.

Por último, mas não menos importantes, trago duas disciplinas riquíssimas e que me provocaram diversas reflexões e ensinamentos, contribuindo de forma ativa para minha transformação ao longo desse curso. São elas: “Alfabetização Cultural” e “O Brincar e sua importância na Educação Infantil”.

Com as aulas de Alfabetização Cultural, com a coordenação de Melissa Lamengo, mudei totalmente minha forma de pensar o mundo. A foto a seguir, representa um pouco de minha trajetória no curso, onde passei a entender a importância da alfabetização cultural na vida das pessoas.

Figura 1 -- Theatro Municipal



Fotografia de Alessandra de Mello

Antes, inexperiente, quando ainda frequentava a escola, acreditava que tal atividade se tratava apenas de um passeio com meus colegas e a professora e não entendia muito bem as diversas manifestações suscitadas em nós com tal

experiência. Hoje, sei e defendo atividades como idas a museus, teatros, exposições artísticas e etc. não apenas como um passeio, mas como programas culturais.

Nesses espaços, somos inundados de aprendizagens, conseguimos e aprendemos a olhar de outro ponto de vista, exercitamos nossa empatia, nos colocando no lugar do artista, para tentar entender o que lhe flechou em seu momento de criação. A arte tem o poder de nos tirar do nosso lugar de conforto e suscitar em nós sentimentos, sensações e reflexões por muitas vezes indizíveis. A arte consegue tocar em nosso humano e nos sensibilizar. Posso dizer que fui tocada e transformada, nesses três anos de curso, vivenciando, compartilhando e transmitindo cultura.

Com a disciplina "O Brincar e sua importância na Educação Infantil", regida pela professora Cristina Porto, fui além e me transformei em criança, para entender de outro ângulo, o quanto é notório que se aprende brincando. Entendi o quanto é valorosa a brincadeira para a criança se expressar, se soltar. As mesmas trazem para as brincadeiras situações de seu dia a dia, que reproduzem e recriam a sua maneira. O faz de conta é a principal forma usada por elas para interagir com o mundo que as cerca, dessa forma se desenvolvendo nos campos físico, emocional e intelectual e social.

No próximo capítulo, me dedico um pouco mais sobre o brincar, tão importante para o desenvolvimento humano, e que, como tal, merece mais atenção e reconhecimento. Nós educadores precisamos saber valorizar, ampliar e explorar ainda mais esse universo lúdico.

### 3 OUTRO OLHAR PARA O BRINCAR

Meu olhar para a brincadeira mudou a partir de minhas primeiras aulas com professora Cris Porto sobre o brincar. Os brinquedos e brincadeiras trazidos pela mesma para explorações em nossas aulas provocaram em mim a necessidade de me atentar melhor a esses momentos, além de nos fazer mergulharmos em nós mesmos, nos redescobrimos, voltando a nossa infância.

Através das aulas passei a entender e me aprofundar no universo do brincar. Aprendi que cultura lúdica é o que permite o brincar caracterizada por Brougère (1998, p. 107) como um “conjunto de regras e significações próprias do jogo que o jogador adquire e domina no contexto de seu jogo”.

Ao interagirmos com o meio em que vivemos, criamos e recriamos nossa maneira de brincar. Através da disciplina, passei a ter consciência de que as brincadeiras, assim como os brinquedos, fazem parte de nossa cultura, já existentes há algum tempo. Passei a ter noção de que as brincadeiras tradicionais não estão esquecidas, mas que variam de lugar para lugar, de época para época, sendo melhoradas, aperfeiçoadas ou ressignificadas. Contudo, cada criança também cria sua cultura lúdica ao longo de sua vivência e na interação umas com as outras.

O brincar não é algo natural, pois não aprendemos sozinhos, está relacionado à interação com os adultos à nossa volta e nas relações com outras crianças. A brincadeira é algo cultural, pois é capaz de ultrapassar gerações. Dessa forma, aprendemos com nossos pais e nossos pares e eles com os pais e seus pares e assim sucessivamente. O brinquedo e a brincadeira permitem às crianças se relacionarem de formas diversas.

Sobre o objeto brinquedo, aquele feito especialmente para as crianças brincarem, vimos que ele tem uma história e que representa vários universos. Segundo Porto (1996),

Do ponto de vista da representação, o brinquedo pode ser uma reprodução da realidade, como as panelinhas, o ferro, a vassoura, o carro, o urso, ou a boneca-réplica da rainha Vitória. Nesse quadro são privilegiados entre outros, os objetos que representam o universo doméstico, os meios de transporte o mundo animal, certas épocas passadas (PORTO, 1996, p. 174-175).

Porto (1996) também vai dizer que, em geral, existe uma classificação relacionada a certas visões de mundo:

O espaço familiar da casa é associado às meninas e o universo externo, do trabalho, aos meninos. Assim mesmo os brinquedos que aparentam ser cópias fiéis da realidade são na verdade, representações, imagens retiradas de um determinado contexto em que está imerso o sujeito que os criou. São portadores de significações culturais que emergem de uma determinada visão de mundo (PORTO, 1996, p.175).

Depois de quatro anos, devido à pandemia do coronavírus e de problemas particulares, me afastei do trabalho que realizava com crianças na faixa etária de 2 a 4 anos em uma instituição na cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Cosme Velho. Nos três últimos, já fazendo o curso no Pró-Saber, passei a exercitar meu olhar investigativo para os brinquedos e para o brincar.

Figura 2 -- Aprendendo mais sobre o brincar



Fotografia de Joana D'Arc Silva

Comecei a perceber que o brinquedo pode até sugerir a brincadeira, mas que nem sempre é assim. Em minha prática, pude observar diversas formas das crianças se relacionarem com ele. O Lego, por exemplo, ganhava outro significado nas mãos das crianças e virava telefone, bolo, câmera fotográfica, etc.

Relacionando as brincadeiras mais atuais com as de minha época, posso dizer que, como moradora do interior de Minas Gerais, fui muito influenciada por brinquedos e brincadeiras tradicionais como pipa, pião, bolinha de gude, pique, que eram classificados, naquele contexto, como “de meninos”, mas isso não me impediu de aprender e brincar com eles.

Como caçula de minha casa, tinha sempre alguém para brincar, como a minha irmã mais velha. Não tínhamos bonecas, então, ela e eu dobrávamos alguns panos e transformávamos em bebês ou brincávamos com bonecas feitas de milho. Minha brincadeira favorita era de casinha. Com o quintal enorme, na companhia de minha irmã e de muitos primos, brincava o dia todo. Escrevíamos no chão, para marcar os cômodos da casa ou, às vezes, marcávamos com gravetos. Também fazíamos casas em árvores, troncos, etc.

No interior, era (e ainda é) muito comum os maridos trabalharem e as esposas cuidarem dos filhos e era assim que os representávamos em nossas brincadeiras. Fazíamos comidinhas, às vezes, com folhas, ora com terra ora com comida de verdade. Cuidávamos dos filhos, no caso as bonecas, dávamos, banho, trocávamos as roupas, alimentávamos, enfim, representávamos nossa realidade e nosso cotidiano, por meio das brincadeiras.

Em minha prática junto às crianças, fazia observações de suas brincadeiras e aprendi cada vez mais a valorizar esses momentos que, antes de entrar na área da educação, eram vistos por mim, como apenas um passatempo para as crianças. Pude compreender quantas coisas elas aprendem com o brincar, na interação com seus pares e com os adultos, assim como na brincadeira individual. As crianças representam o mundo, suas vivências e aprendizagens em suas brincadeiras. Muitas vezes, elas trazem realidades das quais não dão conta de assimilar, como uma forma de manifesto. A violência, a tristeza, a alegria, a raiva e o desejo vêm à tona nesses momentos, pois, diferente do adulto, elas ainda não conseguem expressar firmemente esses sentimentos, emoções e inquietações por meio das palavras. Rinaldi (2012, p. 215) afirma que, “por meio da brincadeira as crianças confrontam a realidade e a aceitam, desenvolvem o pensamento crítico e escapam da realidade, que é quase sempre opressiva.”

É relevante também ressaltar que, às vezes, cada momento representado pela criança será vivido mais intensamente no brincar do que na realidade, com gritos ou outras formas de expressão. Passei a enxergar as crianças além da sala de aula. Antes acreditava que só estavam aprendendo, quando estavam realizando "trabalhinhos." Hoje, eu sei que o que a criança não consegue realizar de forma abstrata, por meio de trabalhinhos no papel, ela aprende e realiza no concreto, por meio das brincadeiras. Percebi com esse olhar observador para minha prática que as crianças rotuladas, muitas vezes como as que não "sabem nada", buscam soluções nas brincadeiras, de um modo que nem o próprio educador pensaria. Notei ainda que as mais agitadas e sem concentração se acalmam no momento do brincar. A quebra da timidez e da vergonha durante a interação de umas com as outras pode surpreender.

Nas brincadeiras no pátio ou na sala, ouvia muitas falas do tipo -"vamos fazer uma festa?", "onde está minha filha?", "vem, você é meu cachorro", "vou ligar para minha mãe", "filhinho, você está de castigo", "alô, mãe, sou eu".

Certa vez observei um grupinho de meninos que gostavam muito de brincadeiras onde podiam ficar correndo e pulando. Faziam de conta que eram zumbis e iam atrás das meninas, dizendo "Buuh, sou zumbi, vou pegar vocês".

Outra brincadeira se repetia constantemente entre dois meninos e uma menina. Faziam de conta que estavam amarrados em um poste e começavam a chamar, "socorro, socorro, alguém me ajude" até que alguém viesse salvá-los.

Em um outro grupo, a preferência era por panelinhas e, a cada hora, surgia um prato que, educadamente, me ofereciam, "tia, quer hambúrguer? Bolo? Batata frita?". Essas eram suas comidas favoritas para cozinhar.

Tais brincadeiras são representadas fielmente com falas e gesticulação. As mãozinhas para trás do poste dão a ideia de estarem amarrados; o andar de quatro pelo chão, se lambendo e latindo os definem como cachorros; os olhos virados e os braços esticados representam um zumbi; o dedinho se levanta no momento em que a xícara de café é levada à boca; caretas e expressões faciais específicas são feitas no momento de falar no telefone com a mãe.

Antes, eu não reparava nesses detalhes e não dava importância ao brincar. Ao longo desse percurso pude mudar drasticamente minha forma de ver

a educação infantil e, acima de tudo, ressignificar meu olhar para a brincadeira. Como afirma Nóvoa (1992):

Toda a formação encerra um projecto de acção e de transformação. E não há projeto sem opções. As minhas passam pela valorização das pessoas e dos grupos que têm lutado pela inovação no interior das escolas e do sistema educativo. Outras passarão pela tentativa de impor novos dispositivos de controlo e de enquadramento. Os desafios da formação de professores (e da profissão docente) jogam-se neste confronto (NÓVOA, 1992, p. 21).

Sendo assim, como o autor, quero poder inovar e dar mais espaço para as brincadeiras nas salas de aula, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças. A ampliação desse universo de ludicidade é muito importante, pois, muitas vezes, é por meio do brincar que elas vão mostrar potencialidades a serem exploradas e lapidadas por nós.

Mas eu, como educadora, posso promover e defender a importância do brincar, pois isso aconteceu também comigo, como veremos na imagem a seguir.

Figura 3 -- Na brinquedoteca



Fotografia de Cristina Porto

Segundo Josso (2009):

[...] a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências (JOSSO, 2009, p. 137) .



Através das aulas pude ampliar meu repertório de brincadeiras aprendi a andar de perna de pau, que sempre foi uma vontade minha, desde de pequena e a pular a amarelinha africana, que é bem mais difícil daquela tradicional, que aprendemos em nossa infância. Conheci e pude manusear brinquedos antigos feitos de madeira, jogos de tabuleiros, que exercitam a capacidade de classificação como o do “Palhaço Arrumadinho”. Mas, para falar a verdade, quando vi minhas colegas pulando elástico, brincadeira que eu desconhecia, me senti instigada a estudar sobre as possibilidades de ampliação da nossa cultura lúdica.

Por fim, posso concluir que o brincar é umas das principais formas da criança e, porque não dizer do adulto também, de conhecer o mundo e de interagir com tudo que os cerca. Merece, portanto, o nosso reconhecimento e a nossa valorização como professores. Por meio do brincar quase tudo se aprende e quase tudo se ensina.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, busquei evidenciar que o brincar, assim como os demais conteúdos ensinados nas escolas, é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças.

Foi necessário mostrar como a formação dos educadores precisa promover a ampliação de sua cultura lúdica, para que eles possam oferecer às crianças diversas experiências, que têm origem em diversos contextos. A brincadeira também precisa ser pesquisada e estudada pelo professor para ser apresentada para as crianças.

Posso dizer que, com o curso, e com as disciplinas sobre o brincar, aprendi a ter um olhar investigativo sobre a brincadeira e a entender que a mesma traz conteúdos inimagináveis e promove aprendizagens significativas e de qualidade. Para percebê-las, o educador precisa observar e registrar tais momentos, avaliando como contribuir para enriquecer a cultura lúdica de todos os envolvidos e para planejar como e onde ela pode estar presente junto aos conteúdos que pretende desenvolver.

Adaptação foi a palavra do momento, pois foi o que vivenciamos no decorrer deste ano. Quem diria que viveríamos uma espécie de “terceira guerra mundial” em que a única forma de pôr fim a ela seja o amor ao próximo?! Quem diria que precisaria vir uma pandemia como a que estamos enfrentando para nos tornar mais humanos, para nos ensinar a exercitar nossa empatia?

Com tudo isso que está acontecendo no mundo, fomos afetados diretamente, tivemos mudanças em nossas rotinas, orientados pela Organização Mundial da Saúde -OMS, a ficar em casa.

No curso, tivemos a novidade das aulas online, por whatsapp. Fácil não é, mas felizmente temos a capacidade de nos adaptar às adversidades e nos reinventar. Por outro lado, contraditoriamente, não vejo uma forma melhor de fazermos bom uso do nosso tempo nessa quarentena.

Minha maior preocupação, no início, era não estar presencialmente para tirar dúvidas com os professores e não conseguir aprender dessa maneira, mas, felizmente, deu tudo certo!

Em casa podemos ler mais os conteúdos e nos apropriar, levantando nossas próprias hipóteses. Com o tempo de elaboração da monografia se aproximando, certo desespero tomou conta de meu coração, mas ao refletir um pouco mais, me dei conta de tudo que aprendi mesmo de forma remota. Compreendi que se conseguia me reinventar ao longo da construção das aulas, conseguiria também realizar este trabalho.

E assim, segui rememorando todas as minhas aprendizagens, ao longo desses três anos, para compartilhar com vocês, educadores do mundo, um pouco desses saberes e, quem sabe dessa forma, criar um exército rumo a uma educação de qualidade e significativa para nossos educandos.

## REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 24, n. 2, Julho, 1998. Disponível em: <https://goo.gl/TYbB5A>. Acesso em: 4 de nov. 2020.

FERRARI, Márcio. António Nóvoa, o garimpador de histórias de vida. *In: Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, n. 215, set./2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1666/antonionovoa-o-garimpador-de-historias-de-vida>. Acesso em: 2 ago. 2020.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *In: Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 20 jul. 2020.

GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Laclette. Arqueologia de si e delicadeza: a fotografia e o outro como caminhos. *In: SOUZA, Elizeu Clementino de, CUNHA; Jorge Luiz da, FURLANETTO; Ecleide Cunico, BIASOLI; Karina Alves (Orgs.) Anais do VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica*. Digital – São Paulo. BIOgraph, 2018. Disponível em: [http://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM\\_COMP\\_Cristina-Laclette-Porto.pdf](http://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM_COMP_Cristina-Laclette-Porto.pdf). Acesso em: 12 out. 2020.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER. **Projeto Político Pedagógico**: Curso Normal Superior. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, Jan/ Fev/ Mar/ Abr, 2002. Disponível em: <http://educar.fcc.org.br/pdf/redu/n19a03.pdf>. Acesso em: 09 nov.2020.

LOPES, Ana Elisabete; GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Laclette. Correspondências entrelaçadas: percursos de pesquisa com fotografia. *In: KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina. (orgs.). Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas, SP: Papirus, 2013.

NÓVOA, Antonio. A formação de professores. *In: NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente*. Lisboa: **Universidade de Lisboa**: Repositório. UL., 1992. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/12424596>. Acesso em: 09 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PENA, Alexandra. Diálogo, encontro e agir ético: a contribuição das histórias de vida para a formação. *In: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Leonor; BARBOSA, Sílvia Neli (orgs.) In: Ética: pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil*. Campinas, SP: Papirus, 2019.

PORTO, Cristina Laclette. **Do brinquedo à brincadeira**: práticas e representações sobre o brinquedo e o ato de brincar na brinquedoteca. Brincando com arte. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Educação, 1996.

RINALDI, Carla. Criatividade como qualidade do pensamento. *In: RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia*: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROMEU, Gabriela. Narrativas do Olhar: notas de um diário. *In*: Mapa da Infância Brasileira. **Quem está na escuta?** Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças. Disponível em: [http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa\\_infancia-000.pdf](http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa_infancia-000.pdf). Acesso: em 4 de nov. 2020.